

Nós, Mulheres: a lesbianidade no Jornal Nós Por Exemplo (1991-1995)

We, Women: lesbianism in the newspaper Nós Por Exemplo (1991-1995)

Izabela de Paula Gomes¹, UNESPAR

Resumo

A década de 1990 representou um processo de mudanças para o movimento LGBTQIA⁺ principalmente com o advento da epidemia do HIV/AIDS. Em 1991 no Rio de Janeiro surge o Jornal Nós Por Exemplo abordando temas acerca da homossexualidade e do HIV/AIDS. O que nos chama atenção é o espaço destinado às vivências de mulheres lésbicas. Diante disso, objetivamos analisar a sessão *Nós Mulheres* a fim de compreender como a lesbianidade é discutida no periódico. Para isso, utilizamos 22 edições do jornal publicado entre 1991 e 1995. Dessas, 19 integram o acervo do Centro de Documentação Prof. Dr. Luiz Mott, dentro das coleções do Grupo Dignidade e do Grupo Gay da Bahia (GGB), e três edições foram gentilmente cedidas pelo pesquisador Walber Ferreira da Silva. Evidenciamos como a identidade lésbica, historicamente silenciada, se afirma politicamente em uma sociedade marcada pelo machismo e misoginia.

Palavras-chave: Lesbianidade, Mulheres, Nós Por Exemplo, Imprensa alternativa.

Abstract

The 1990s represented a period of change for the LGBTQIA⁺ movement, particularly with the advent of the HIV/AIDS epidemic. In 1991, the newspaper Nós Por Exemplo (We For Example) appeared in Rio de Janeiro, addressing issues related to homosexuality and HIV/AIDS. What caught our attention was the space dedicated to the experiences of lesbian women. Therefore, we aimed to analyze the *Nós Mulheres* section to understand how lesbianism is discussed in the periodical. To this end, we used 22 issues of the newspaper published between 1991 and 1995. Of these, 19 are part of the collection of the Prof. Dr. Luiz Mott Documentation Center, within the collections of the Dignidade Group and the Gay Group of Bahia (GGB), and three issues were kindly provided by researcher Walber Ferreira da Silva. We highlight how lesbian identity, historically silenced, asserts itself politically in a society marked by machismo and misogyny.

Keywords: Lesbianism, Women, Us For Example, Alternative Press.

Introdução

Esse texto nasce de uma inquietação que atravessa o olhar de uma pesquisadora lésbica. Durante o processo de organização do acervo documental do Centro de Documentação Prof. Dr. Luiz Mott (CEDOC LGBTI⁺) do Grupo Dignidade localizado em Curitiba e onde atuo como pesquisadora, encontrei algumas edições do Jornal Nós Por Exemplo publicado entre os anos de 1991 e 1995. Folheando o periódico, o que me chamou a atenção foi a presença da seção *Nós, Mulheres* na qual são abordadas temáticas relacionadas

¹ Mestra em História Pública pela Universidade Estadual do Paraná e Pesquisadora do Centro de Documentação Prof. Dr. Luiz Mott (CEDOC LGBTI+). E-mail: izagomes2704@gmail.com

as vivências lésbicas. Desse modo, busco analisar essa sessão a fim de compreender como a lesbianidade é vocalizada no material.

A temática LGBTQIA⁺² no espaço acadêmico e na historiografia brasileira se configura como um fenômeno recente. Nos últimos anos, vemos um avanço nas iniciativas sobre dissidências de gênero tanto por meio de pesquisadores e pesquisadoras quanto pelo engajamento com os movimentos sociais, museus, arquivos e demais espaços de preservação da memória e da história. No entanto, a lesbianidade permanece como um tema pouco explorado dentro da academia, principalmente no âmbito historiográfico e muitas vezes silenciado dentro do próprio movimento LGBTQIA⁺. Para compreendermos esse processo, torna-se fundamental entendermos a construção da luta dessas mulheres.

O movimento homossexual³ iniciou entre as décadas de 1970 e 1980, período historicamente marcado pela ditadura brasileira, quando grupos formados por lésbicas, gays, travestis e bissexuais começaram a se organizar através de reuniões em bares e clubes. Nesse cenário surge o Grupo de Afirmação Homossexual (Somos), o primeiro a ser organizado no Brasil em 1978. No entanto, divergências internas principalmente devido a atitudes machistas e discriminatórias propagadas pelos companheiros de militância, hierarquização nas tomadas de decisões e o apagamento das especificidades e demandas das lésbicas levaram à criação do Grupo Lésbico Feminista (LF) um subgrupo dentro do Somos.

Em 1981 foi o início da formação de um espaço independente e autônomo onde as mulheres lésbicas pudessem discutir as suas especificidades a partir do Grupo de Ação Lésbica Feminista (GALF). Através da aproximação com o movimento feminista, elas começaram a integrar o Congresso da Mulher Paulista que ocorria no mês março. Porém havia algumas barreiras dentro do movimento feminista que demonstrava resistência em incorporar as pautas lésbicas, contribuindo para a manutenção da sua invisibilidade (Fernandes, 2018; Kumpera, 2021).

A fim de vocalizarem suas ideias e sendo um espaço de socialidade e de luta política as mulheres do GALF publicam em 1981 o boletim “Chanacomchana”. Com 12 edições entre 1982 e 1987 o material possuía em média uma tiragem de 500 exemplares que eram divulgados em festas, congressos, bares entre outros espaços. Em um desses espaços

² Utilizamos LGBTQIA⁺ por considerarmos ser uma das nomenclaturas utilizadas atualmente, compreendendo lésbicas, gays, bissexuais, transsexuais, queers, intersexos e assexuais sendo o ⁺ adicionado ao final para representar as outras pessoas que não estão contempladas nessas 7 orientações sexuais.

³ Segundo Facchini (2003) o termo movimento homossexual é entendido como o conjunto das associações e entidades, mais ou menos institucionalizadas constituídas com o objetivo de defender e garantir direitos relacionados à livre orientação sexual.

frequentados majoritariamente por mulheres lésbicas ocorreu o que ficaria conhecido como levante do Ferros's bar. O protesto que aconteceu em 19 de agosto de 1983 em São Paulo onde os donos do estabelecimento impediram a entrada de integrantes do GALF, e a venda do boletim no bar com a justificativa de ser proibido comercializar outros produtos no bar, representando um ato de discriminação (Martins, 2017; Silveira-Barbosa, 2019; Silva, 2021).

Em 1987, foi criada a Rede de Informação Um Outro Olhar, marcando um processo de reorganização do Grupo Ação Lésbica-Feminista (GALF). A partir dessa nova fase, passou-se a editar o boletim *Um Outro Olhar*, que, de acordo com a pesquisadora Paula Evelyn Silveira Barbosa (2019), inaugura a segunda fase da imprensa lésbica no Brasil. Lançado em um contexto de transição política no país, o periódico teve 20 edições publicadas entre 1987 e 1994, buscando estabelecer aproximações com outros grupos lésbicos, principalmente do exterior. Tratava-se de uma publicação feita por, sobre e para lésbicas, a partir de uma perspectiva plural. Durante esse período surgiram outros periódicos importantes voltados as vivências de mulheres lésbicas, como *Deusa da Terra* (1991–1994), *Lesbertária* (1993), *Femme* (1993) e o informativo do Grupo Estação Mulher (1995).

Diante desse cenário, temos por objetivo analisar a sessão *Nós Mulheres* do Jornal *Nós Por Exemplo* (1991-1995) a fim de compreender como a lesbianidade é discutida no periódico. Para isso, estruturamos o texto em dois movimentos: em primeiro lugar apresentamos os aspectos que compõem o jornal e o debate em torno do HIV/AIDS na década de 1990 e posteriormente como a temática da lesbianidade é acionada. Como corpus empírico utilizamos 22 edições do jornal publicado entre 1991 e 1995, dezenove delas estão dispostas no acervo do Centro de Documentação Prof. Dr. Luiz Mott sendo parte das coleções do Grupo Dignidade e Grupo Gay da Bahia (GGB) e três foram disponibilizadas gentilmente pelo pesquisador Walber Ferreira da Silva, doutorando da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Logo, pensar as subjetividades e a construção da identidade lésbica na imprensa alternativa é refletir sobre o apagamento vivenciado e a trajetória de luta e reivindicações por parte dessas mulheres.

Nós Por Exemplo: um jornal somente para o público masculino?

Ao NÓS POR EXEMPLO

Encantada por saber que em breve poderei estar lendo um jornal dirigido a pessoas como eu, carente de informações sérias a respeito da homossexualidade. Espero que não seja um jornal exclusivo para homens (Nós Por Exemplo, dez. 1991).

Esse trecho foi publicado na sessão cartas da primeira edição do Jornal Nós Por Exemplo em dezembro de 1991. A carta enviada por Elizabeth M. de Almeida expressa não apenas o entusiasmo diante da criação do jornal, mas também evidencia a urgência em produzir um material com caráter educativo. A preocupação em relação ao conteúdo chama atenção para as ausências e a necessidade de um espaço de pertencimento que evidenciasse as experiências de mulheres.

Sabemos que a utilização dos jornais como fonte é relativamente recente no campo historiográfico. No Brasil, essa discussão chega na década de 1970 a partir de trabalhos voltados à história da imprensa. Considerar os periódicos como documento histórico é se atentar às transformações e os comportamentos sociais de uma época. Ao se debruçar nesses materiais devemos levar em consideração as subjetividades e intencionalidades de quem escreve (Luca, 2012; Capelato, 1988; Bezerril, 2011).

É importante destacar que o período da imprensa alternativa na década de 1990 foi marcado por intensas transformações sociais e políticas. A eclosão da epidemia do HIV/AIDS fez com que organizações se mobilizassem contra a doença gerando uma aproximação dos ativistas homossexuais junto às autoridades médicas. Essa agenda de enfrentamento junto a órgãos do governo, evidenciou um processo de “ONGuização”, momento em que começam a surgir grupos organizados em todo país. A partir de convênios e parcerias com o governo federal iniciou ações como campanhas de prevenção, distribuição de preservativos e materiais de cunho informativo a fim de comunicar a sociedade. Nesse movimento, a sexualidade ganha a esfera pública, sendo debatida diante dos equívocos e da estigmatização da homossexualidade provocada pela mídia sensacionalista (Facchini, 2003; Quinalha, 2022).

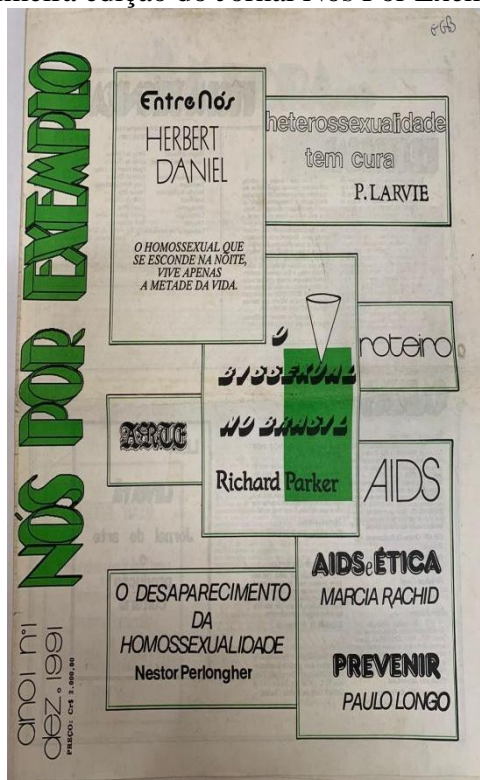
A presença marcante da comunidade LGBTQIA⁺ na mídia através de mobilizações sociais, contribuiu significativamente para a ampliação das discussões sobre direitos humanos. Articulações nacionais atuaram em resposta a epidemia do HIV/AIDS, tanto com as redes e associações internacionais, quanto em diálogo com parlamentares através da proposição de projetos de lei nos níveis federal, estadual e municipal. A organização de eventos de rua, como as primeiras paradas do Orgulho Gay em São Paulo, levou a uma projeção e reconhecimento em âmbito social e político ao movimento (Facchini; Simões, 2009; Trevisan, 2004).

Na imprensa, as publicações que surgem após o fim do *Lampião da Esquina*⁴, a partir dos anos 1990, diante do impacto da epidemia de HIV/AIDS passaram a discutir sobre a diversidade de estilos de vida, classes sociais e grupos dentro da comunidade homossexual. Nesse sentido, o design gráfico passa a assumir um papel importante uma vez que “configura o planejamento e desenvolvimento da maioria dos artefatos da sociedade moderna” (Rodrigues, 2007, p.118), contribuindo para a construção visual e simbólica dessas identidades nas páginas impressas.

É nesse cenário que surge em janeiro de 1991 na cidade do Rio de Janeiro o Núcleo de Orientação em Saúde Social (NOSS). A organização não governamental era formada por uma equipe de profissionais da saúde, tendo como enfoque trabalhos na área da saúde e direitos humanos com a prevenção do HIV/AIDS e doenças sexualmente transmissíveis (DST). O NOSS desenvolvia diversos projetos em colaboração com grupos específicos. Entre eles, o “Programa de Pegação” que atuava junto a rapazes trabalhadores do sexo, além do “Programa Tereza” que tinha o objetivo realizar o trabalho em unidades carcerárias do Rio de Janeiro. Apesar das ações em relação à prevenção e informação, buscavam alcançar um maior número de pessoas vendo na criação do periódico um modo de atingir essa meta (Henriques, 2021; Rodrigues, 2010). Em dezembro de 1991 lançam a primeira edição do *Jornal Nós Por Exemplo* (Imagem 1).

⁴ O jornal *Lampião da Esquina* foi um importante veículo de comunicação impressa do final da década de 1970. Apresentava temas ligados as homossexualidades, feminismo, movimentos sociais a luta contra opressões sofridas por grupos minoritários da época tendo circulado de 1978 a 1981 (Gonçalves, 2025).

Imagem 1- Primeira edição do Jornal Nós Por Exemplo (dez. 1991)



Fonte: Acervo Centro de Documentação Prof. Dr. Luiz Mott (CEDOC LGBTI+).

Em seu primeiro editorial o jornal não tinha a pretensão de “finçar no preconceito da sociedade a bandeira da homossexualidade, nem tentar iniciar um movimento de organização dos grupos homossexuais [...]” (Nós Por Exemplo, dez. 1991). Mas buscavam informar e promover o respeito aos homossexuais, sendo o conhecimento indispensável. Além de informações, o jornal incluía em suas páginas artigos e opiniões de profissionais qualificados e se propunha a ser construído coletivamente pois “[...] também está aberto a todos os leitores que tenham algo a questionar ou informar” (Nós Por Exemplo, dez. 1991).

O impresso possuía dois editores, sendo eles Paulo Henrique Longo, psicólogo e presidente do NOSS e Sylvio de Oliveira, designer gráfico. Posteriormente o jornal teria a colaboração de Sérgio Barcelos. Desde a primeira edição havia uma preocupação do corpo editorial na questão estética do periódico. Adotando um formato tabloide e impresso em papel *offset*, em seu primeiro número apresentava duas cores: o preto e verde. A partir da segunda edição, o jornal modifica sua diagramação e seu projeto gráfico e passou a adotar um visual preto e branco, decisão que foi explicada em tom reflexivo nas próprias páginas do periódico: “Não amigos, não empalidecemos. Chegamos ao segundo número na neutralidade dos tons: nem cores quentes, nem cores frias. Apenas preto e branco. Ausência de cor e o conjunto de todas elas” (Nós Por Exemplo, mai. 1992).

A maioria das edições contava com uma tiragem de cinco mil exemplares chegando a 10 mil exemplares nas últimas edições. O jornal, inicialmente foi “[...] vendido nos lugares gays do Rio de Janeiro e de São Paulo ou em algumas bancas de jornais no centro da cidade do Rio de Janeiro” (Nós Por Exemplo, jul. 1992). Em um período marcado por instabilidade econômica, o jornal apresentou algumas variações de preço significativas. Durante a vigência do Cruzeiro, seu valor oscilou entre CR\$ 2.000,00 e CR\$ 40.000,00; posteriormente, com a adoção do Cruzeiro Real, passou a custar entre CR\$ 150,00 e CR\$ 300,00. A partir da 12ª edição, quando completava dois anos de atividades, sua distribuição passou a ser gratuita, (devido a um financiamento particular) e acabou sendo enviado a diversos grupos homossexuais em diferentes regiões do Brasil o que contribuiu para o aumento de seu alcance (Rodrigues, 2007).

O periódico adotou inicialmente uma periodicidade bimestral, passando a ser mensal a partir da 9ª edição e apresentou variações no número de páginas ao longo dos anos. As edições 1 a 4 continham 16 páginas, enquanto as edições 5 a 10 aumentaram para 20 páginas. Já as edições 11 a 19 passaram a contar com 21 páginas, retornando a 16 páginas nas edições 20 a 22. Além disso, o jornal, ao explorar o uso de imagens, em suas páginas soube aproveitar a força comunicativa do visual para construir sua identidade gráfica. As capas, tornaram-se um elemento marcante dessa construção, frequentemente estampando imagens sensuais e algumas delas com forte apelo erótico de modelos masculinos nus. Essa escolha estética passou a representar uma assinatura visual da publicação, contribuindo para sua identificação imediata junto ao público (Henriques, 2021).

Nesse sentido, o jornal buscava dispor de uma abrangência de assuntos. Iniciava com a seção *lá fora*, um espaço destinado a apresentação da vida gay fora do Rio de Janeiro. Possuía também as seções: *Nós Mulheres* dedicada às vivências lésbicas; *Nós Homens* voltada ao público gay; *Aids* com artigos informativos sobre a doença; *Entre nós* espaço destinado a entrevistas; *Informes* com notícias sociais; opinião destinado a debates e discussões; *Rumos* com novidades no mundo gay; e *arte; e roteiro* com dicas de espaços sociais gays no Brasil. Ao longo de sua existência passou por poucas alterações editoriais. A seção “Rumos” foi descontinuada após a terceira edição. Já a seção “Aids”, a partir da oitava edição, passou a circular como um encarte especial que recebeu o nome de “Agaivê hoje”. Novas seções também surgiram ao longo do tempo, como “Memória”, introduzida na terceira edição, e “Movimento”, que apareceu pela primeira vez na nona edição. Por fim, a seção “Informes” foi

renomeada para “Babados” a partir do número 21 (Henriques 2021; Rodrigues 2007). Nas próximas páginas tratemos da seção Nós Mulheres.

Um amor que ousa dizer o nome: a lesbianidade a partir da sessão Nós Mulheres

É dessa maneira que a homossexualidade feminina se põe no mundo. Como uma região incógnita, uma espécie de caixa de surpresas que suspeita do discurso que veicula, o amor entre mulheres é capaz de disseminar perplexidade, seja quando parece optar pelo ruidoso silêncio, seja quando autoriza alguma tradução (Nós Por Exemplo, dez. 1991).

Esse é um trecho da sessão Nós Mulheres escrito por Jaqueline Muniz (bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal Fluminense e mestranda em Antropologia Social) na primeira edição do jornal. Intitulado “Homossexualidade feminina: um amor que não diz seu nome” o texto aborda a invisibilidade linguística e histórica da identidade lésbica. A sessão além do texto é acompanhada por uma imagem de uma figura feminina e um pronto de interrogação (?) nas costas, representando visualmente esse lugar de incerteza e apagamento que marca o imaginário social sobre o amor entre mulheres. A imagem reforça a ideia de que a homossexualidade feminina é frequentemente tratada como um enigma ou uma ausência no discurso dominante. Sabemos que esse apagamento não é acidental, mas é resultado de diferentes fatores como a misoginia, machismo, a moralidade judaico-cristã que estão presentes nessa sociedade que subjuga esses corpos (Brunetto, Ribas, 2021).

O jornal assumia uma linha editorial majoritariamente voltada ao universo gay masculino. A busca por participação das mulheres lésbicas em suas páginas é discutida na edição 21 do jornal (mar. 1995) evidenciando um movimento de reivindicação e, ao mesmo tempo, de convocação para que lésbicas escrevessem e ocupassem esse espaço discursivo historicamente marcado pelo apagamento. As relações entre homens e mulheres no interior do periódico configuravam-se, assim, como uma arena de disputas simbólicas, atravessada por tensões em torno da visibilidade, da representação e da centralidade das pautas. Ainda que o jornal se apresentasse como um espaço coletivo, sua dinâmica interna revelava hierarquias e negociações constantes sobre quem podia falar, sobre o que falar e com que destaque.

Venho aqui, por meio desta, responder a solicitação de Yone Lindgren [...] realmente “nós mulheres estamos precisando dar as caras, falar, fazer um pouco mais o uso do verbo, da expressão. Sempre que pego o “nosso” jornal para ler fico um tanto quanto “puta da vida” ao reparar que são poucas as matérias escritas e dirigidas a nós, lésbicas (Nós Por Exemplo, mar. 1995).

Mesmo em um contexto de alianças dentro do movimento as mulheres ainda precisavam negociar sua visibilidade em espaços marcados por relações de poder masculinas, inclusive no interior da militância LGBTQIA⁺ (Louro, 1997). Ainda que a proposta de uma organização coletiva buscasse práticas mais horizontais, observa-se que a heterossexualidade compulsória opera como um mecanismo que reforça o apagamento da existência lésbica na esfera pública e discursiva. Adriane Rich (2010) propõe que a lesbianidade não seja apenas uma orientação sexual, mas um ato de resistência política em uma sociedade estruturada pela heteronormatividade e pelo patriarcado (Rich, 2010).

Dentre alguns aspectos importantes, observamos que as imagens apresentam um papel fundamental na composição do jornal sendo um elemento de linguagem e representação. Apesar do uso de textos longos vemos uma preocupação com a apresentação visual das páginas como pode-se notar na imagem 2.

Imagem 2 – A apresentação visual da sessão Nós Mulheres



Fonte: Acervo Centro de Documentação Prof. Dr. Luiz Mott (CEDOC LGBTI+).

A sessão diferentemente de outros folhetins contava com uma rotatividade de escritores no decorrer das edições (Tabela 1). Cada tema abordado era apresentado majoritariamente por mulheres, com exceção das edições n° 9 e 16 que contaram com a colaboração de Sylvio de Almeida, editor do jornal e Marcelo Cerqueira, Bacharel em História. Além disso, observamos que os assuntos em torno da sessão Nós Mulheres assumiam um viés político, visto que o jornal era politicamente engajado.

Tabela 1 – Sessão Nós, Mulheres (1991-1995)

Edições	Título	Autores	Coleção
Ano 1, n° 1, dezembro de 1991	Homossexualidade feminina: um amor que não diz seu nome	Jacqueline Muniz	Grupo Gay da Bahia (GGB)
Ano 1, n° 2, maio de 1992	Homossexualidade Feminina: Novos Caminhos?	Daniela Barreto	Grupo Gay da Bahia (GGB)
Ano 1, n° 3, julho de 1992	Filmes de Mulheres	Emily	Grupo Gay da Bahia (GGB)
Ano 1, n° 4, setembro de 1992	Solidão e Solidariedade	Luiza Granado	Grupo Gay da Bahia (GGB)
Ano 1, n° 5 novembro de 1992	Mimosas Pudicas	Eneida Virgílio	Grupo Gay da Bahia (GGB)
Ano II, n° 6 janeiro de 1993	Se nos deixam falar	Célia	Grupo Gay da Bahia (GGB)
Ano II, n° 7 março de 1993	Homo Feminino: A Fantasia é Livre	Cristiana Coelho	Grupo Gay da Bahia (GGB)
Ano II, n° 8, maio de 1993	Carta protesto a Associação Paulista de Medicina	Rede de Informação Um Outro Olhar	Grupo Gay da Bahia (GGB)
Ano II, n° 9 julho/agosto de 1993	EBHO ou EBLHO	Sylvio de Oliveira	Grupo Dignidade
Ano II, n° 10, setembro/outubro de 1993	À procura da consumação física da paixão lésbica	Terezinha de O. N. Costa	Grupo Gay da Bahia (GGB)

Ano II, nº 11, novembro/dezembro de 1993	Uma gringa gay no Rio	Fiona	Grupo Gay da Bahia (GGB)
Ano III, nº 12 janeiro/fevereiro de 1994	Casamento Lésbicas	Luiza Granado	Grupo Gay da Bahia (GGB)
Ano III, nº 13 março/abril de 1994	Lésbicas: Frutas e Promoção/Lésbicas sim senhor	Anita Klimt e Beatriz Aragão Murad	Grupo Dignidade
Ano III, nº 14, maio/junho de 1994	Seriam os conflitos naturais?	Miriam Martinho	Grupo Dignidade
Ano III, nº 15, julho/agosto de 1994	O amor entre mulheres/ Brasileira, lésbica e feliz	Gilda	Grupo Dignidade
Ano III, nº 16, setembro/outubro de 1994	Lésbicas no Brasil/Safo - de musa a matriz lésbica	Beatriz Aragão Murad e Marcelo F. de Cerqueira	Grupo Gay da Bahia (GGB)
Ano III, nº 17 novembro de 1994	Lésbicas: amor e ódio	Marinês	Grupo Gay da Bahia (GGB)
Ano III, nº 18 dezembro de 1994	O preço de algumas conquistas: um relato sobre ativismo lésbico na Alemanha	Laura Lobo	Grupo Gay da Bahia (GGB)
Ano IV, nº 19, janeiro de 1995	Lesbianidade no Brasil	Yone Lindgreen	Grupo Gay da Bahia (GGB)
Ano IV, nº 20, fevereiro de 1995	Sem título	Yone Lindgreen	Walber Ferreira da Silva

Ano IV, n° 21, março de 1995	Fábula de uma memória insana do VIII Encontro Brasileiro de Gays e Lésbicas	Bibiana Azefan e Yone Lindgreen	Walber Ferreira da Silva
Ano IV, n° 22, abril de 1995	Sem título	Miriam Martinho	Walber Ferreira da Silva

Fonte: Elaborado pela autora, 2025.

É importante destacar a relação do jornal com outros grupos homossexuais que emergiam através da militância LGBTQIA⁺ da década de 1990, período marcado pela intensificação da luta por direitos e articulação política e institucional do movimento. Esse diálogo resultou em colaborações de autoras que integravam organizações políticas e ativistas da época. É o caso de Miriam Martinho e Luiza Granado, da Rede de Informação Um Outro Olhar; Emily e Célia, do Grupo Deusa da Terra (São Paulo); Marines, do Grupo Estação Mulher; e Gilda, do Grupo Dignidade. A presença dessas militantes evidencia a construção de redes de sociabilidades em diversas regiões do país ocasionando o fortalecimento desses grupos, especialmente aqueles voltados as experiências lésbicas.

Outro aspecto relevante é a presença de propagandas e anúncios sobre espaços de sociabilidades como bares, encontros culturais e eventos políticos. Esses anúncios não apenas divulgavam atividades, mas atuavam como um canal de visibilização e articulação entre diferentes grupos de mulheres que estavam se organizando na década de 1990. Exemplos disso aparecem na edição de jul./ago. de 1994, com a divulgação da assinatura da Revista *Femme*, publicação do Grupo Afins de Santos, e na edição de set./out. do mesmo ano, que anuncia a criação do Grupo Meninas do Rio. Também são mencionadas iniciativas como o Grupo Estação Mulher. Essas práticas midiáticas contribuía para a circulação das informações que estavam sendo produzidas.

Por meio de um viés crítico à normatividade o tema do casamento entre mulheres é abordado na 12ª edição do jornal (setembro de 1994), em um texto assinado por Luiza Granado. Na publicação, a autora critica as relações matrimoniais como espaços historicamente responsáveis por aprisionar os corpos femininos. Encarado como um regime de controle e uma instituição sustentada por estruturas de opressão patriarcal, o casamento é problematizado sob a perspectiva lésbica. Luiza sinaliza que “o casamento para nós lésbicas, não trará “maior aceitação” por parte da sociedade, como argumentam alguns, pois o patriarcado NUNCA nos aceitará” (Nós Por Exemplo, set. 1994, p. 9). Essa ideia explicita a tentativa de normatização das relações lésbicas por meio de instituições heteronormativas.

Logo, o casamento fabrica a mulher enquanto categoria social, isto é, define e restringe seu papel dentro de uma lógica relacional que privilegia a heterossexualidade e subordina a autonomia feminina. Assim, a resistência lésbica ao casamento tradicional não é apenas simbólica, mas profundamente política, pois confronta as bases que sustentam a dominação patriarcal (Wittig, 2022).

Entender as estruturas que são impostas socialmente a essas mulheres é problematizar uma posição de sujeitos a margem. Dentro dos movimentos sociais, observa-se as disputas de poder, as subjetividades e os sentidos (Foucault, 2010) que aqui configuram as vivências das mulheres lésbicas. Essas questões são discutidas a partir das divergências entre gays e lésbicas na edição n°9. Com o título EBHO ou EBLHO? o texto escrito por Sylvio de Almeida aborda a reivindicação das mulheres lésbicas quanto ao nome do Encontro Brasileiro de Homossexuais para Encontro Brasileiro de Lésbicas e Homossexuais.

Nessa edição observamos as disputas em relação ao protagonismo feminino. A utilização do termo "homossexual" abrangia tanto homens quanto mulheres com atração pelo mesmo sexo. No entanto, as mulheres lésbicas passaram a questionar a adequação dessa nomenclatura, uma vez que ela não contemplava suas demandas específicas nem suas experiências identitárias. De uso predominante entre homens gays, o termo acabava por invisibilizar as experiências e as pautas das mulheres lésbicas. Diante disso, foi proposta a adoção da denominação “Encontro Nacional de Lésbicas e Homossexuais”, como forma de afirmar a presença e a centralidade das lésbicas dentro do movimento, reivindicando reconhecimento e visibilidade política o que gerou descontentamento a grupos de diferentes regiões do Brasil (Fernandes, 2018).

Para além da busca por espaços, é importante falar das divergências internas em torno da comunidade lésbica. Na edição de n° 14 de 1994, Miriam Martinho, membra da Rede de Informação Um Outro Olhar, escreve sobre essas discordâncias entre mulheres, sobretudo daquelas inseridas em um contexto de movimento social e luta por emancipação e liberdade. No texto “Seriam os conflitos naturais?” Martinho fala acerca de suas experiências pessoais dentro e fora do Brasil com grupos de ativismo lésbico, relatando surpreender-se com a naturalidade com a qual tais desavenças são tratadas: “(...) tive a oportunidade, nada feliz, de constatar que a maioria das lésbicas considera as relações humanas como essencialmente antagônicas” (Nós Por Exemplo, mai. 1994, p. 6).

Essa perspectiva também aparece nas edições de n° 21 (mar. 1995) e n° 22 (abr. 1995) em resposta aos acontecimentos do VII Encontro de Gays e Lésbicas realizado em 1995. Em

seu relato, Bibiana Azefan denuncia a violência que sofreu durante o evento, bem como a ausência de solidariedade e união entre as mulheres do movimento. Nessa esteira, Yone Lindgreen, em texto publicado na edição n° 21, reforça a importância dos vínculos de amizade e apoio mútuo entre as mulheres, destacando a necessidade de fortalecer laços afetivos e políticos como forma de resistência coletiva diante das tensões internas e das opressões estruturais.

Na edição n° 11 (nov./dez. 1993) vemos o relato de Fiona, uma estrangeira em visita ao Brasil, cuja vivência revela camadas mais complexas de pertencimento e exclusão. Fiona relata que foi mais fácil estabelecer laços de amizade com os homens gays do que com as mulheres lésbicas, afirmando que: “A única dificuldade é furar o bloqueio do espaço lésbico”. Isso reflete a existência de barreiras simbólicas, mesmo dentro de espaços considerados inclusivos que operam como fronteiras de acesso e pertencimento. A partir disso, é possível identificar a manifestação do que se denomina hostilidade horizontal, um fenômeno recorrente em grupos minorizados, e que se refere à misoginia internalizada redirecionada para outras mulheres. Trata-se, portanto, de um mecanismo no qual os conflitos são deslocados do real agente opressor para as próprias participantes do Grupo.

(...) a hostilidade horizontal, constitui-se justamente na diluição do ódio que não podemos utilizar para afetar nossos opressores entre nós mesmos, acarretando um confronto no qual as condições nos parecem iguais, mas na verdade foram pensadas para que façamos o trabalho sujo dos nossos opressores (Morais, 2022, s.p.).

A solidão e os relacionamentos também são assuntos recorrentes na seção. Na 4ª edição, o texto “Solidão e Solidariedade” aborda o isolamento vivido por mulheres lésbicas, decorrente, em grande parte, da socialização hegemônica pautada na heterossexualidade compulsória. Para Wittig (2004), essa solidão pode ser interpretada como uma forma de resistência frente à opressão patriarcal. Nesse sentido, ela não aparece como uma punição ou condição imposta, mas como uma escolha consciente, um afastamento necessário para o processo de autoconhecimento e para a afirmação de uma identidade lésbica que desafia os padrões normativos. Essa solidão, portanto, se constitui como um espaço político e subjetivo, no qual a mulher lésbica constrói a afirmação de um amor que não está subordinado.

Em “O preço de algumas conquistas: um relato sobre ativismo lésbico na Alemanha”, da edição de n° 18 de dezembro de 1994, a autora Laura Lobo traz alguns choques culturais que teve em sua viagem para Europa. Ela relata sua dificuldade em fazer amizades e percebe que as feministas lésbicas alemãs são atuantes e engajadas, enquadrando-se no aspecto

separatista de luta. O relato apresenta uma percepção diferente em relação ao Brasil, que se pauta na busca de uma construção coletiva do movimento.

Quando eu fui morar na Alemanha, em 1991, sofri um grande choque cultural: as lésbicas alemãs chegaram a um nível de organização como eu nunca havia imaginado (...) esses lugares são todos frequentados exclusivamente por mulheres, porque lá elas acreditam firmemente que os interesses dos gays e lésbicas são divergentes, devido ao fato de os gays serem homens e, portanto, inseridos na sociedade patriarcal do lado dominante, ainda que discriminados. Assim, exibem uma desconfiança bastante agressiva em relação aos gays. (...), mas lembrei-me de meus amigos gays e da camaradagem em tantas noites divertidas nos bares mistos de São Paulo, a amizade fácil e gostosa das festas e bateu-me certas dúvidas (Nós Por Exemplo, dez. 1994).

A seção também mobiliza outras formas de expressão das vivências lésbicas. Para além das discussões políticas e das denúncias, abrem-se caminhos para manifestações culturais e afetivas que valorizam o cotidiano, o desejo e a subjetividade. Nas edições n° 3 (jul. 1992) e n° 5 (nov. 1992), são apresentadas sugestões de filmes que abordam a temática lésbica, além de uma poesia. Já na edição n° 7, o foco recai sobre o campo da sexualidade: relatos de leitoras abordam desejos, fantasias, práticas sexuais e fetiches, incluindo referências ao Kamasutra e à pluralidade das experiências eróticas. Esse tipo de conteúdo tensiona tabus ainda presentes no que se refere a sexualidade lésbica.

Outro assunto pertinente e que é discutido na 13ª edição do jornal por Beatriz Aragão Murad refere-se ao questionamento da imposição de padrões estéticos e comportamentais associados à feminilidade da mulher lésbica. “Não sei porque criou-se hoje a obrigação das lésbicas serem bonitas, bem-vestidas e femininas”. Esse apontamento traz à tona a normatização de uma identidade lésbica que privilegia corpos e expressões alinhadas à lógica heteronormativa, conforme analisa Judith Butler (2003) ao discutir a performatividade de gênero. Murad ainda enfatiza que esses padrões são inacessíveis para muitas mulheres lésbicas, principalmente aquelas periféricas, trazendo à tona desigualdades estruturais atravessadas por classe, raça e território. Esse olhar interseccional, nos faz problematizar como as experiências lésbicas são múltiplas sendo importante discutirmos os marcadores sociais que constituem essas vivências (Akotirene, 2019).

Desta forma, os textos presentes na seção constituem uma fonte importante para a compreensão dos desafios vivenciados pelas mulheres lésbicas militantes dos anos 1990. É notável observar que muitas das preocupações, desafios e debates daquela época permanecem atuais. Questões relacionadas ao reconhecimento, ao protagonismo político e social, bem

como às subjetividades, relacionamentos e paixões dessas mulheres, ainda são atravessadas por um modelo normativo que sustenta a misoginia e a lesbofobia, manifestando-se frequentemente por meio de violências simbólicas cotidianas. Analisar essas fontes é essencial para que possamos nos apropriar de nossa própria história, e que tenhamos subsídios para lutarmos contra qualquer processo de apagamento ou silenciamento de nossa memória enquanto mulheres que amam mulheres.

Considerações Finais

No decorrer das páginas desse texto buscamos apresentar e discutir as (re)existências de mulheres que ousaram sair do não-dito quebrando o silêncio da homossexualidade feminina. Como pontua a historiadora Tania Navarro- Swain (2000, p. 13) “O que a história não diz, não existiu”. Problematizar o lugar das mulheres lésbicas no campo historiográfico é evidenciar o apagamento dessas experiências enquanto um silêncio político. Romper com esse silêncio significa fazer uma releitura das fontes utilizadas nas narrativas históricas, bem como realizar uma crítica ao fazer historiográfico tradicional (Veras, Pedro, 2014).

Ao analisarmos a seção *Nós Mulheres* do Jornal *Nós Por Exemplo* observamos a busca das mulheres lésbicas pela construção de um espaço de visibilidade e discussão de suas pautas. O jornal assumia uma linha editorial majoritariamente voltada ao público gay masculino, e apesar de se apresentar como um ambiente coletivo, sua dinâmica interna revelava hierarquias e negociações constantes. As mulheres que ocuparam esse lugar atuavam nas brechas existentes, reivindicando e articulando redes de solidariedade e militância. Assuntos relacionados aos amores, medos, desejos, identidades e vivências cotidianas eram abordados na seção proporcionando um espaço de consciência coletiva e reconhecimento entre as leitoras.

Além disso, sabemos da importância da imprensa como fonte histórica para compreender o movimento LGBTQIA⁺ no Brasil. Trabalhos como os de Julia Aleksandra Martucci Kumpera (2021), Paula Evelyn Silveira Barbosa (2019) e Jaíne Silva (2021), entre outras pesquisadoras que discutem a imprensa lésbica brasileira contribuem para a ampliação do debate em torno da memória lésbica. Nesse sentido, a preservação da memória das lesbianidades a partir dos arquivos, acervos, relatos orais colabora para a construção de novas narrativas que tencionam a história oficial. Iniciativas como as do site *Um Outro Olhar* coordenado pela ativista Miriam Martinho, além do *Arquivo Lésbico Brasileiro*, que se dedica à preservação e divulgação das produções sobre lesbianidade no Brasil, são fundamentais.

Diante do que foi abordado, ousar amar uma mulher é enfrentar a estrutura de uma sociedade constituída sob os velhos moldes cisheteronormativos. Nas palavras de Brunetto e Ribas (2021, p. 86) “Nós nos importamos! Nós estamos produzindo saberes e modos de vida há décadas, nós existimos e nossos corpos, nossas práticas e nossas experiências importam!”.

Fontes

- AZEFAN, Bibiana; LINDGREEN, Yone. Fábula de uma memória insana do VIII Encontro Brasileiro de Gays e Lésbicas. **Nós, por exemplo**, Rio de Janeiro, ano 4, n. 21, mar. 1995.
- BARRETO, Daniela. Homossexualidade feminina: novos caminhos? **Nós Por Exemplo**, Rio de Janeiro, ano 1, n. 2. Mai 1992.
- COELHO, Cristiana. Homo feminino: A fantasia é livre. **Nós Por Exemplo**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 7. Mar 1993.
- COSTA, Terezinha de O. N. A procura da consumação física da paixão lésbica. **Nós Por Exemplo**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 10. Set/Out 1993.
- EMILY. Filmes de Mulheres. **Nós Por Exemplo**, Rio de Janeiro, ano 1, n. 3. jul.1993.
- FIONA. Uma gringa gay no Rio. **Nós Por Exemplo**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 11. jul.1993
- GILDA. Amor entre mulheres. **Nós Por Exemplo**, Rio de Janeiro, ano 3, n. 15 jul./ago. 1994.
- GRANADO, Luiza. Solidão e Solidariedade. **Nós Por Exemplo**, Rio de Janeiro, ano 1, n. 4. 4 set 1992.
- GRANADO, Luísa. Casamento Lésbico. **Nós Por Exemplo**, Rio de Janeiro, ano 3, n. 12. jan./fev. 1994.
- LOBO, Laura. O preço de algumas conquistas: um relato sobre ativismo lésbico na Alemanha. **Nós, por exemplo**, Rio de Janeiro, ano 3, n. 18, dez. 1994
- MARTINHO, Miriam. Seriam os conflitos naturais? **Nós Por Exemplo**, Rio de Janeiro, ano 3, n. 14. mai./jun. 1994.
- MARTINHO, Miriam. [Sem título]. **Nós, por exemplo** Rio de Janeiro, ano 4, n. 22, abr. 1995.
- MUNIZ, Jaqueline. Homossexualidade feminina: um amo que não diz seu nome. **Nós Por Exemplo**, Rio de Janeiro, ano 1, n. 1. Dez 1991.
- LINDGREEN, Yone. Lesbianidade no Brasil. **Nós, por exemplo**, Rio de Janeiro, ano 4, n. 19, jan. 1995.
- LINDGREEN, Yone. [Sem título]. **Nós, por exemplo**, Rio de Janeiro, ano 4, n. 20, fev. 1995.
- OLIVEIRA, Sylvio de. EBHO ou EBLHO? **Nós por Exemplo**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 9. Jul/ago. 1993.
- VIRGÍLIO, Eneida. Mimosas Pudicas. **Nós por Exemplo**, Rio de Janeiro, ano 1, n. 5. nov. 1992.

Referências

- AKOTIRENE, Carla. **O que é interseccionalidade**. São Paulo: Letramento; Belo Horizonte: Justificando, 2019.
- BEZERRIL, Simone da Silva. Os impressos jornalísticos e a escrita da história. **Revista Temática**, João Pessoa, v. 7, n. 8, p. 1-13, 2011.
- BRUNETTO, Dayana; TAGLIAMENTO, Grazielle (Org.) **Arco-Íris para quem? (In)visibilidades lésbicas e sapatônicas**. In: BRUNETTO, Daiana; RIBAS, Léo. Quem cabe nesse arco-íris? Curitiba, UFPR, 2021.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Imprensa e história do Brasil**. São Paulo: Contexto, 1988.
- FACCHINI, Regina. Movimento homossexual no Brasil: recompondo um histórico. **Cad. AEL**, v.10, n.18/19, 2003.
- FACCHINI, Regina; SIMÕES, Júlio Assis. **Na trilha do arco-íris: do movimento homossexual ao LGBT**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2009.
- FERNANDES, Marisa. Ações Lésbicas. In: GREEN, James N; QUINALHA, Renan; CAETANO, Marcio; FERNANDES, Marisa (Org.). **História do Movimento LGBT no Brasil**. São Paulo: Alameda, 2018, p. 91-120.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2010.
- GONÇALVES, Alisson. **Jornal Lampião da Esquina (1978-1981): a luz da identidade gay no Brasil ditatorial**. Cachoeirinha: Editora Fi, 2025.
- HENRIQUES, Adolfo Veiller Souza. **As práticas educativas da AIDS no jornal Nós Por Exemplo (1991-1995)**. 2021. 174 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2021.
- KUMPERA, Julia Aleksandra Martucci. **“O lesbianismo é um barato”: o GALF e o ativismo lésbico-feminista no Brasil (1979–1990)**. 2021. 221 f. Dissertação (Mestrado em História) — Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2021.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. São Paulo: Vozes, 1997.
- LUCA, Tania Regina de. Notas sobre os historiadores e suas fontes. **Métis: História & Cultura**, Caxias do Sul, v. 11, n. 21, p. 13-21, jan./jun. 2012.
- MARTINS, Larissa P. **Chanacomchana também é bacana!** Estudo sobre a imprensa lésbica no Brasil (1981-1987). Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Federal do Pampa. Jaguarão: [s.n.], 2017.
- MORAIS, Y. **Sagrada e Profana: o discurso sobre a mulher e a hostilidade horizontal**. Carta Capital, 2022.
- NAVARRO-SWAIN, Tania. **O que é lesbianismo**. São Paulo: Brasiliense, 2000.
- QUINALHA, Renan. **Movimento LGBTI+:** Uma breve história do século XIX aos nossos dias. São Paulo: Autêntica, 2022.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. **Bagoas**, v. 4, n. 5, p. 17-44, 2010.

RODRIGUES, Jorge Caê. **Impressões de identidade**: um olhar sobre a imprensa gay no Brasil. Rio de Janeiro: EdUFF, 2010.

RODRIGUES, Jorge Luís Pinto. **Impressões de identidade**: Histórias e Estórias da formação da imprensa gay no Brasil. 2007. Tese (Doutorado em Letras – Literatura Comparada) — Centro de Estudos Gerais, Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, fev. 2007.

SILVA, Jaíne Chianca da. **Vai ter ChanacomChana, sim!** construção de um grupo lésbico feminista em São Paulo na década de 1980. 175 f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande, Paraíba, Brasil, 2021

SILVEIRA-BARBOSA, Paula. **Trajetória da Imprensa Lésbica no Brasil (1981-1995)**: uma história possível para (re)-pensar o jornalismo. 2019. 281 f. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) – Programa de Pós-graduação em Jornalismo, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2019.

TREVISAN, J. S. **Devassos no paraíso**: a homossexualidade no Brasil, da Colônia à atualidade. 6. Ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

WITTIG, Monique. **O Corpo Lésbico**. Tradução de Ruy Braga. Editora Paz e Terra, 2004

WITTIG, Monique. **O pensamento hétero e outros ensaios**. Belo Horizonte, Editora Autêntica, 2022.

VERAS, Elias Ferreira; PEDRO, Joana Maria. Os silêncios de Clio: escrita da história e (in)visibilidade das homossexualidades no Brasil. **Revista Tempo e Argumento**, v. 6, n. 13, p. 90-109, 2014.